

Para a admissão de novos membros, proceder-se-ha, sobre proposta dalgum membro antigo, á nomeação de uma comissão encarregada de examinar com cuidado o caráter e as circumstancias do aspirante; este poderá ser admitido pelo voto da maioria dos membros, depois de se haver tomado conhecimento do relatório da comissão de ezame;

A *Alianza* influirá tanto quanto possível no seio da federação operaria local para esta não tomar uma marcha reacionaria ou anti-revolucionaria;

Ezistirá perfeita solidariedade entre todos os membros aliados, de tal maneira que as resoluções tomadas pela maioria deles serão obrigatorias para todos, sacrificando sempre, em beneficio da unidade de ação, as apreciações particulares que possam ezistir entre os membros;

A maioria dos membros poderá escluir um membro da *Alianza*, sem indicação de motivo.

Dissolveu-se em 1872, após o Congresso de Saragoça.

16

Aliança libertaria.—Uma das varias tentativas ai postas em pratica para arrebanhar os anarquistas portugueses sob o cajado de um *comité*.

A *Aliança libertaria* foi fundada em 9 de agosto de 1908 por grupos de Lisboa e da Outra Banda, mas... nasceu morta. Segundo o *Protesto* de 5 de setembro, havia de ser «uma aliança entre os grupos e camaradas com o fim de mais fortemente nos precavermos dos ataques e perseguições que amiudo nos são feitas, e de auciliar melhormente qualquer iniciativa particular dos grupos aliados, e de manter com mais vigor toda a obra de interesse geral.»

José Luiz

A proposito da morte de Libertad

Ha dois mezes ou pouco mais, que morreu Albert Libertad, uma das figuras mais curiosas que Paris conheceu nos ultimos anos. Para todos os parisienses era familiar o nome de Libertad; e fóra de Paris e da França, o seu nome não era estranho para os que se dão a leituras de propaganda anarquista.

Pelo que dele se contava, era um homem que despertava curiosidade de o conhecer, já pelo original das suas maneiras, já pelas doutrinas que pregava.

Ha muito tempo que eu sentia curiosidade de conhecer Libertad, quando pela primeira vez o vi ha uns oito ou nove mezes, numa conferencia que ele fez perto de Paris. Não descrevo a sua figura, por demais conhecida, e ainda no ultimo número da «Sementeira» posta em relevo pelo nosso camarada G. R.

Depois de o ouvir falar, resolvi aguardar o meu juizo para quando o conhecesse melhor, que é sempre o que procuro fazer, principalmente quando, como neste caso, a primeira impressão é desagradavel. Desde já deixo dito que nas vezes que depois o ouvi, a primeira impressão não se alterou muito.

Não; Libertad não me agradava, porque não me agrada nada do que é teatral; e ele era teatral, desde o seu modo de trajar aos seus processos de propaganda. Isto não significa que eu o considere menos sincero nas suas opiniões; creio que era sincero, mas creio tambem que se embriagava com o ezito adquirido entre alguns dos seus camaradas. O que penso de Libertad posso esprimi-lo transcrevendo o que Flax dele dizia no semanario «Les Hommes du jour», em que lhe consagrava algumas linhas por ocasião dele morrer e das quaes transcrevo as seguintes:

«O peor é que Libertad acabara por se tomar a serio. Julgou-se chefe duma escola. Ele que não tinha cultura alguma e não possuia noções scientificas, falava em nome do anarquismo científico e higienico. E' para deplorar a influencia desastrosa que ele ezerceu durante algum tempo, em certos moços, mais prontos a seguir alguém do que a reflétir.

Libertad era um bom homem, um pouco vaidoso, um tanto ridiculo, algo trapalhão, mas muito serviçal e incapaz de maldade.»

Nestas poucas linhas está tudo que eu penso de Libertad, não transcrevendo, para não alongar demais, as linhas em que com muita justiça se destroe a caluniosa acusação de que ele era um espião ou um agitador combinado com a policia. Não; Libertad era, na minha opinião aquilo que transcrevi e mais nada. Mas esse pouco chegou para ezercer a influencia a que se refere uma parte do que transcrevi e que é afinal o que importa um pouco.

A obra de Libertad, alem dos discursos genero *tapegeur*, que ele pronunciava em muitas reuniões, e em que systematicamente contradizia o que se tinha dito antes (o que nos primeiros tempos teve a sua originalidade mas que depois se tornou maçador, pois era sempre a mesma coisa afinal, o que ele dizia), alem disto, Libertad fundou o jornal «l'Anarchie» e organisou e ajudou a organizar as «Causeries Populaires» (Palestras populares). Estas são faladas o que o jornal é escrito; e o que se diz dum pode dizer se quasi o mesmo das outras.

O que é que eles pretendem? Que significação teem no movimento social?

A estas perguntas, que são as que importa fazer para a avaliação de qualquer obra, não é muito facil responder, por dois motivos: porque ainda é cedo para saber com segurança se eles teem ezercido alguma influencia e qual; e porque entre eles proprios, ha muitas diferenças, pelo que é difficil distinguir nitidamente uma corrente.

Em todo o caso, vou tentar, em algumas linhas, responder ás duas perguntas, mas não pretendendo, note-se bem, que as minhas palavras sejam tomadas como a expressão duma opinião bem assente. Digo apenas o que agora me parece aprocimar-se mais da realidade.

A corrente de opinião manifestada pela gente de «l'Anarchie» que é onde ela se conserva mais nitida, (um jornal é como se sabe, um campo muito mais fechado a influencias de fóra do que reuniões publicas, como são as «causeries») parece-me poder-se caraterisar com algum acerto, dizendo que *eles pretendem viver a doutrina*, harmonisar a maneira de viver com a teoria.

Daqui resulta como consequencia principal, a solidariedade restrita entre pessoas da mesma idéa, entre os que pensam da mesma fórmula, donde resulta naturalmente o afastamento de todos os outros, que se traduz doutrinalmente na anti-organisação, pelo menos como ela se pratica atualmente mesmo entre os elementos avançados. São individualistas, procurando consequentemente realisar o individualismo. A sua propaganda é portanto feita contra a associação, contra o sindicato, contra tudo que revista o caráter que tem toda a organisação atual nos seus diferentes aspétos. E' claro que não falo aqui da critica que eles fazem á sociedade atual, porque isso é comum a todos os que não concordam com ela.

Para eles, individualistas, o operario sindicalista, não é mais nem menos interessante, do que outro qualquer operario, ou do que qualquer burguez ou capitalista. São tudo individuos que átuam na vida duma maneira para eles irracional, não merecendo a sua simpatia uns mais do que outros, sentindo-se igualmente afastados de todos, pelo que o explorado lhe não merece mais solidariedade

do que o explorador. O explorado que não se deixe explorar e o explorador desaparecerá; se é explorado, que não seja tolo, *abrupti*; a guerra? Os que lá morrem não são para lamentar, *abruptis* que se deixam levar e com a morte dos quaes se não perde grande coisa; e assim por diante. E assim, pouco a pouco, cada individuo ou grupos de individuos se não tornava interessante, limitando-se cada vez mais o circulo solidario. Em qualquer projéto de intervenção social em que se fale, responde-se *«ce n'est pas interessant ou cela ne m'intéresse pas* e não se átua. Para quê? Se todos, explorados e exploradores, estão igualmente afastados da sua simpatia?

Imaginem esta teoria levada ao extremo e seria o individualismo puro, a plena satisfação do individuo sem olhar a processos, que é afinal a base em que se fundam todos que atualmente defendem e pretendem justificar a organização actual que se pretende destruir.

E é pouco mais ou menos o que aconteceu com alguns individuos, em quem as prégações de Libertad e outros, foram despertar certas praticas, a que se chamou ação anarquista e que se pretendem justificar com a teoria individualista, como a moeda falsa, o calote propositado, o furto, etc.

Isto succede sempre, esta ezageração e deturpação do que pretendem os primeiros que prégam uma doutrina ou uma ação, quer se trate de grandes teóricos como Carl Marx, ou de pequenos agitadores como Libertad.

O que Libertad e alguns outros pretendiam ou pretendem, é, parece-me, estabelecer uma reação contra o abuso do sindicalismo, prégando contra o seu uso. Mas se não é esta a sua intenção bem determinada, creio todavia que é a principal significação que a sua propaganda tem no movimento social. E se os inconvenientes que dela resultam e que deixei apontados, não fossem tão grandes, a sua ação podia ser benefica, reagindo contra a ezageração que se está operando igualmente no sindicalismo e que fatalmente o ha de dividir.

Mas esta reação salutar não deixava de se fazer, mesmo sem a corrente de «l'Anarchie», como se pode ver, lendo os jornaes «Temps Nouveaux», «Libertaire», «Guerre Sociale» e outros.

E' por este facto e por causa da ezageração e deturpação da doutrina ter absorvido por assim dizer, o que nela podia haver de bom, que eu julgo nula ou quasi nula, a influencia da dita corrente, no actual movimento social.

Mas o fenomeno de divisão que se ha de produzir no sindicalismo, está-se dando, de certo modo, entre os individualistas. Nas «causeries» começa-se a manifestar um certo cansaço, da attitude de continuada critica, sem uma ação que seja a sua natural consequencia. E como muitos não estão dispostos aos processos a que já me referi e a que a bandeira individualista serve de capa justificativa, começam naturalmente a voltar-se para a intervenção na luta, nomeadamente na anti-militarista e anti-parlamentar.

Começa-se a ver que afinal, o tal *«ce n'est pas interessant*, conduz a uma inação tão grande, que é uma verdadeira cumplicidade, com os que disfrutam as regalias do proprio estado social que se julga mau e se pretende destruir. Isto está acontecendo nas «causeries», mais influenciadas, como disse, pelos elementos de fóra, que o jornal. Mas creio que tambem a este acontecerá o mesmo, ainda que mais lentamente, a não ser que no futuro mantenha a mesma attitude, á custa da redução dos leitores.

Eis resumidamente e com todas as reservas que comeci por estabelecer, o que creio que pretendem e o que significa a ação dos partidarios da corrente anarquista, de que a figura mais interessante, a unica interessante mesmo, foi Albert Libertad.

Emilio Costa

PELA PAZ

Unidos pelo Amor contra o militarismo,
Legionarios da Paz, guerreiros contra a guerra,
A greve declaraes em nome do Altruismo,
Em prol da Humanidade e bem-estar da Terra.

E' a revolta normal, a rebelião que encerra
O triunfo sem sangue, o bem sem cataclismo;
Negar concurso ao mal que ao mundo inteiro aterra
E' a obra que fazeis num rasgo de heroismo.

Eu vos saúdo, heroes de nobres ideaes,
Obreiros do Futuro, arautos do Passado,
Que pacificamente a paz apostolaes.

Eu vos saúdo, irmãos da terra americana,
Onde com ardor ergueis o lábaro sagrado
Contra a guerra fatal, pela concordia humana.

Reis Carvalho

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

LIVROS E FOLHETOS

A Família e o Casamento — Estudo sociologico por Luiz de Mesquita. — 65 pag. — Editores Magalhães & Moniz, Porto.

É, sob o titulo *Preliminares*, a primeira duma serie de conferencias tendentes a demonstrar que o casamento — elemento em que se concretizou o amor, uma das trez idéas fundamentaes de toda a ezistencia social, — não traduzindo uma necessidade biologica do homem, antes havendo-se posto em conflito com o seu sentimento, a sua intelctualidade, a sua aspiração, está condenado e será abolido. Aproveitando o que está averiguado e aceite pela ciencia, o autor espõe, segundo ele mesmo diz, em quadro resumido e concreto, as idéas e os factos geraes indispensaveis para a boa compreensão, dedução logica e demonstrativa da tese que deixamos enunciada. Este quadro constitue uma escelente condensação do que se chama a historia da origem da terra, da vida e do homem, — vinte e tantas paginas em cuja leitura aproveitarão os que não podem compulsar os grandes livros de ciencia, e as quaes gostaríamos de ver separadas das primeiras do opusculo, em que o largo tom retorico deve de predispor mal quem lê.

Agradecemos ao autor o ezemplar oferecido ao nosso representante no Porto.

O poeta cavador Manoel Alves. — 93 pag. — Depositario França Amado, Coimbra.

Com o seu primeiro estudo — *A caminho da verdade* e o seu pampheto — *De cara erguida*, dos quaes se ocupou a imprensa ha anos, enviou-nos o camarada Lopes d'Oliveira este livrinho, em que ele e Tomás da Fonseca, no intuito de justificarem certa obra sua, anos antes intentada, enternecidamente reuniram as opiniões de varios escritores ácerca de Manoel Alves, o humilde poeta analfabeto dentre Douro e Beira, cavador e ferreiro, morto em 1901, e do livro que deixou — *Versos dum cavador*.

Consistia aquella obra em «erguer ao Poeta-Cavador um monumento que mais do que perpetuando o seu nome afirmasse a continuidade da sua vida na propria morte,